



*INSPETORIA DE SÃO JOÃO BOSCO
MINAS - BRASIL*

Pe. José Bezerra de Gouvêa



PALMARES — PERNAMBUCO
BRASIL * 30-4-1879

COLÉGIO STA. ROSA
NITERÍ † 14-10-1965



Coube-me, mais uma vez, a honra de escrever a carta mortuária de um de nossos primeiros salesianos brasileiros. Nasceu no Engenho Águas Finas, no município de Palmares, Estado de Pernambuco, em 30 de abril de 1879.

Eram seus pais: Vicente Sérgio de Gouvêa e Francisca Hermínia Bezerra Cavalcante de Gouvêa.

Era família abastada, havendo nela vários oficiais do exército, médicos etc.

Fêz êle o curso de humanidades no Colégio Diocesano de Olinda, sendo companheiro de estudos do Sr. Cardeal da Bahia, Dom Álvaro Augusto da Silva. Em contato com os salesianos, frequentando o Colégio Sagrado Coração de Recife, enamorou-se daquela vida de família, vendo a caridade, o carinho, que os filhos de Dom Bosco tinham para com os meninos, sobretudo com os pobrezinhos do Oratório Festivo. Daí seu grande amor, que sempre teve para os Oratórios Festivos. Veio-lhe o desejo de ser salesiano. Fêz o pedido e foi aceito como aspirante, já com seus vinte anos, em 1897, era o 3.º aspirante brasileiro.

Aí mesmo, no Recife, em 1898, fêz o Noviciado. Piedoso, obediente, metuloso no cumprimento das ordens, dos avisos de seu Mestre, recebeu fazer a profissão perpétua, como se fazia no princípio da Congregação, aceitando aos votos perpétuos aquêles que se mostravam ótimo procedimento e amor à vida religiosa.

Aí começou seu tirocínio, como assistente e professor primário. Eram suas aulas muito animadas, sempre alegres, usando vários meios para emular os alunos, que progrediam com rapidez nos estudos.

Um dia lhes disse: "Na próxima aula vocês vão ter um professor de batina". No dia marcado, apresentou-se êle, envergando sua batina bem ajustada.

É que o professor José Bezerra, após três anos de prova da vida religiosa, como coadjutor, uma santa inveja o animou a seguir o seu colega Clg. Braz Musso, do qual era amigo inseparável. Pediu aos Superiores e ingressou na vida clerical, para um dia ser sacerdote. Tempos difíceis, como de tôdas nossas obras, em comêço. Falta de pessoal, dificuldade econômica. Dizia-me o Pe. Braz que muitas vêzes se contentavam com um pouco de carne sêca e um pouco de farinha, deglutidas com auxílio da água.

É o heroísmo de nossos primeiros salesianos, que a muitos de nós, nos deixam envergonhados, que nos queixamos de nossas mesas onde nada nos falta.

Como brasileiro e estudioso de nossa língua, sendo os demais salesianos, italianos, era êle requisitado para lecionar essa cadeira, daí sua peregrinação por vários colégios: São Salvador, Aracaju, São Joaquim etc. Onde, porém, mais necessitava de suas aulas era no Colégio Sagrado Coração de Recife. Aí passou a maior parte de sua vida.

Encarregado das Companhias, era extraordinário em dirigi-las. Sua piedade fazia dos sócios, autênticos Domingos Sávios. Eram numerosos, todos queriam fazer parte delas.

Marcaram época as sessões solenes das Companhias; ainda hoje, ex-alunos daquele tempo se lembram, com saudades, do entusiasmo reinante no seio da agremiação. Já então sua verve poética o inflamava, as musas lhe sorriam, e êle com seus simples, mas belos versos, dava um brilho singular às suas festas. Todos os sécios queriam declamar, fazer discursos, pois a presença dos Superiores os estimulava a se exibirem com galhardia.

Com todo êste trabalho: assistência, aulas, correções de tarefas, regulador das Companhias, à noite, quando os alunos dormiam, sob o lampião folheava a Teologia para atingir o seu desiderato — o Sacerdócio.

Ordenado sacerdote, em maio de 1916, foi destinado à casa de Jabotão, como professor dos aspirantes. Disse-nos um de seus ex-alunos do capricho e exatidão com que corrigia as tarefas e do grande progresso que faziam os alunos.

Esteve encarregado da incipiente casa de Natal, hoje, Externato Salesiano São José.

Vindo para Niterói, Colégio Santa Rosa, foi mandado como secretário de Dom Pedro Massa, logo após sua sagração episcopal, e aí ficou de 1941 até 1944.

La todos os dias de Niterói, lá trabalhava com Sua Excia. e à tarde voltava. Teve a honra de secretariar o nosso grande bispo missionário do Rio Negro, que lá deixou o grande monumento para os seus sucessores, honrando o nome salesiano ante os presidentes do Brasil e das personalidades marcantes de nosso govêrno. N'cs, os brasileiros salesianos lhe devemos essa imorredoura gratidão. Diz-nos Dom Massa de nosso Pe. Bizerra: "Era um bom religioso, pronto a fazer o que se lhe pedia, submisso, apesar de sua fraca saúde e de seu temperamento recolhido, tímido, sempre receioso de errar, mas tudo fazia bem feito."

Substituído pelo Pe. Noé Gualberto, no secretariado de Dom Massa, continuou em Niterói até à morte.

Era confessor na Basílica de N. S. Auxiliadora, dos fiéis e dos alunos, que muito o apreciavam.

Sempre no recreio, como queria D. Bosco, no meio da petizada, divertindo-a com suas histórias e trocadilhos, dando suas belas risadas. Era o vovôzinho dos guris.

Até poucos meses antes de morrer, estava bem esperto, conversava muito e divertia o pessoal com suas poesias e piadas.

Aos menores fazia-os rir com seus versos; é seu êste versinho:

Quando olho para o Céu,
É vejo u'a mancha lá,
Alimpo os óculos meus
É neles que a mancha está.

Acentuando a arteriosclerose, começou a cismar que a comida da comunidade e mesmo a particular para êle, estava-lhe fazendo mal, então fazia êle mesmo sua refeição no quarto, isto por bons meses, mas, melhorando da doença, voltou à mesa comum, sendo, no refeitório, a alegria dos irmãos. Tôdas as sextas dava um passeio ao Rio, em visita a uma sua irmã, onde almoçava, voltando mais aliviado de sua doença.

Esta necessidade semil fêz nascer, entre os irmãos uma brincadeira com êle, chamando a sexta-feira: O dia dêle, isto é, de seu passeiozinho.

Em outubro de 1965 a terrível arteriosclerose progrediu rapidamente e durante duas semanas martirizou horrivelmente. A palidez e a magreza se acentuaram sempre mais. No dia 12 teve o consôlo da visita de sua irmã, Da. Maria Gouvêa da Cunha. Aos poucos foi perdendo a voz e no dia 13 à tarde, entrou em coma. Chamado seu confessor, que já o havia atendido várias vêzes e lhe dera os sacramentos, veio e lhe deu a Unção dos Enfermos e rezou as orações dos agonizantes, dando a bênção papal. Com os recursos da medicina, aplicada pelos médicos e enfermeiros, sua vida se prolongou até o dia 14, quando, ao seu lado, rezando as orações da Igreja, o Pe. Edgard, catequista da casa e mais salesianos, o nosso Pe. Bezerra exalou seu último suspiro.

Eram 15, 15 horas do dia 14 de outubro de 1965.

No dia 15 houve missa de corpo presente e o sepultamento no Cemitério do Saco de São Francisco, estando presentes, irmãos e sobrinhos, salesianos, amigos e admiradores do extinto.

Espera no Campo Santo, seu frágil corpo, a ressurreição para a pátria dos eleitos.

Dizia-ncs, no noviciado, o Santo Pe. Itanislau Tichner, ao chegar uma carta mortuária: "Morreu, mas, morreu salesiano" isto é, está salvo. Uma prece pela boa alma do nosso Pe. Bezerra e pelo vosso irmão em D. Bosco Santo,

Pe. Alcides Lanna Cotta